



Voz d'AREGA

MENSÁRIO REGIONALISTA

PREÇO 100\$00

FONTE DOS BRAÇAIS PÁGINA 2 TEM PROJECTO PARA RECUPERAÇÃO

festas **EM 1973
FOI ASSIM**

Devido aos pedidos insistentes dos nossos leitores publicamos nesta edição quatro destacáveis da novela «A Clarinha dos Casais dos Ventos», com início na página onde foi interrompida

PARA COLECIONAR (A5)

Voz d'AREGA

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

sobressaindo na sala de entrada, suspenso na parede, um maravilhoso relógio, todo dourado, que com seu tiquetaque permanente quebrava o silêncio deste solar. Numerosos quadros, representando costumes regionais, ornamentavam os dois lados do comprido corredor. À direita, em frente da sala grande, era o escritório do Marquês, recheado de valiosos móveis apropriados para os seus arquivos, e em frente da sua secretária estava um quadro singular representando uma linda mulher de louros cabelos, caídos à cintura, tendo ao colo uma menina de tenra idade: era o retrato de sua esposa, já falecida, com a pequena filha do casal, de nome Clarinha, que ficou órfã de mãe de tenra idade. Ao fundo do corredor, do lado esquerdo, situava-se o quarto de dormir do Marquês, que por uma pequena porta dava entrada para a biblioteca. Do lado esquerdo do corredor situava-se o quarto de Clarinha, precedido dos quartos das criadas. Aqui e ali, bonitos bengaleiros. Era assim o solar do Marquês dos Ventos, rodeado de pequenas casinhas abarracadas, onde residiam as famílias dos vários camponeses que trabalhavam por sua conta.

Após recobrar o fôlego, e como manifestámos interesse em conhecer mais sobre a história daquele pitoresco lugar, o velho continuou assim a sua narrativa:

CLARINHA E ROBERTO

O meu pai residia com minha mãe neste local que lhes indiquei e entre o pessoal que aqui trabalhava encontrava-se um outro casal, o marido chamava-se Henrique e a esposa Joana. Era ele o encarregado da parte agrícola desta unidade e tinham um filho chamado Roberto; isto já lá vão mais de setenta anos.

Roberto teria nessa ocasião talvez uns sete anos e era a alegria dos pais e de todos aqueles que aqui residiam. Tinha os cabelos castanhos e uns olhos muito vivos, desfrutando de rara inteligência precoce, pelo que o próprio Marquês o estimava muito. Desde os primeiros passos foi o companheiro favorito da pequena Clarinha, talvez nessa altura com seis anos de idade.

Encontravam-se logo de manhã, iam os dois para o jardim, onde se entretinham a cuidar das numerosas plantas e nas alturas próprias a colher flores para enfeitar as mesas do solar.

Entre aqueles dois entes existia uma amizade tão profunda, que embora inocente se podia classificar de amor, um amor platónico, um amor de crianças pequenas. Aqueles dois seres não conseguiam deixar passar uma hora sequer sem que se vissem, partilhando ambos as mesmas alegrias e as mesmas tristezas, quando era caso disso. Eram duas almas afeiçoadas ligadas por uma meninice em comum, e neste enlevo de alma, nesta doce convivência, os anos voaram como um sonho, a infância havia passado e estavam dois adolescentes.

5



Bandeira de N.ª Sr.ª da Conceição transportada por três elementos da comissão da Festa de 1973

A primeira festa da «era moderna»

*CORRIA o mês de Julho de 1973 e a Festa de Arega estava em risco de não se realizar. Não havia mordomo ou comissão que estivessem dispostos a meter mãos à obra, muito menos com um mês de antecedência. Realizou-se então uma reunião no Salão Paroquial, nos fins de Julho, e a juventude da época foi convidada a emprender a difícil tarefa de organizar uma festa com pouco mais de 30 dias de antecedência. Aceitámos (há 25 anos eu também era jovem...), mas com uma condição que quase ia inviabilizando o projecto dadas as reticências do Padre Escaroupa, que Deus haja.
E passo a explicar:*

Até àquela data o programa das nossas festas resumia-se a missa, procissão, concerto pela banda filarmónica e pouco mais. Bailes não eram autorizados no adro e era na eira do Ti João Luís que os acordeonistas davam o mote para um bate-pé animadíssimo, mas só até ao escurecer... Por essa altura já as festas da Foz de Alge contavam com bailes na eira da capela abrilhantados por conjuntos.

Ora a condição que impusemos foi a de que a festa durasse dois dias e de pudesse haver baile(s) com conjunto no arraial. A primeira questão era pacífica, mas a segunda teve de ser negociada porque o Prior argumentava que o adro fora outrora cemitério e «era falta de respeito dançar em cima dos mortos». Chegou-se a uma solução de compromisso: arranjar um palco onde se dançasse, de modo a evitar conspurcar o chão sagrado do adro com a leviandade das danças. E assim foi. Mas na altura não tínhamos palco nem nada que o valesse, foi necessário pedi-lo à Câmara de Figueiró que na pessoa do presidente da altura, Simões de Abreu, no-lo emprestou. Depois é que foi pior... Encarregaram-se dois mestres carpinteiros da montagem mas o saudoso Padre Escaroupa, na sua teimosia, com metade da obra já feita entendeu que para o palco caber no local determinado tinha de

(Continua na pág. 2)

A FESTA DE 1973

(Continuação da 1.ª página)

se cortar uma oliveira que na altura existia junto à saída para o caminho do Pôr-dos-Mantos. Os carpinteiros — Manuel Mano e Américo Ferreira — garantiam que não era necessário mexer na árvore, o Pároco teimava na dele. Isto no sábado à tarde, com o conjunto contratado para esse dia (salvo erro os *Filhos de Alá*, do Manuel Borges) prestes a chegar... Foi preciso chamar o Sr. Padre à razão numa forma não muito ortodoxa:

— Sr. Prior, se o Ti Manuel Mano lhe dissesse que você não sabia dizer a Missa, achava bem?

— Não — respondeu o bom do Padre Escaroupa. — Fui ordenado padre, portanto tenho legitimidade para celebrar a Santa Missa...

— Então é assim: cada um desempenha a sua profissão. Os carpinteiros sabem da sua arte e dizem que o palco pode ser montado sem cortar a oliveira, portanto vão acabar de o montar; ao Sr. Padre cabe a missão de desempenhar as funções religiosas para as quais foi ordenado.

E perante este argumento o palco armou-se e começou a festa.

Mesmo com um mês de antecedência, e depois de correremos Ceca e Meca e olivais de Santarém, arranjámos conjuntos e fogo-de-artifício. Só não conseguimos filarmónica mas mesmo assim contratámos um conjunto típico com licença eclesiástica para acompanhar officios religiosos que abrilhantou os cânticos litúrgicos à Missa e acompanhou a procissão — para além de dar espectáculo com música popular durante a tarde e princípio da noite.

No final apurou-se um saldo de cerca de duas dezenas de contos que serviu para comprar a casa conhecida por *Curral do Burro*, que hoje funciona como armazém de arrumos da Igreja e onde durante bastante tempo funcionou o embrião da Associação Recreativa e Cultural Areguense.

A partir desse longínquo ano de 1973 as festas de Arega nunca mais foram como dantes. E melhoraram muito...

FONTE DOS BRAÇAIS JÁ TEM PROJECTO DE RECUPERAÇÃO...



... E A FONTE DA AREGA PODERÁ VIR A SER UM PARQUE DE MERENDAS...

O nosso artigo despertou também o interesse em relação à velha fonte da Arega, e, para além de o local ter sido limpo pelo pessoal da Junta de Freguesia, trouxe-se a descoberto o antigo bebedouro em pedra que estava soterrado. O presidente da Junta tenta agora sensibilizar a Câmara para calcetar o caminho e fazer um arranjo paisagístico do local com vista a construir um pequeno mas agradável parque de merendas

Na sequência do artigo publicado neste jornal acerca da fonte dos Braçais, que considerámos na altura património único e a preservar, o Poder Autárquico interessou-se pelo caso e depois de visitas ao local chegou-se à conclusão que nós já tínhamos deduzido: é necessária uma intervenção naquele espaço público.

As decisões correram céleres e foi apresentado à Junta de Freguesia um projecto elaborado pelos técnicos da Câmara com vista a remodelar a fonte dos Braçais, com a recomendação de que fosse auscultada a população local para dar a sua opinião mas avisando também que ou se aproveitava agora ou então seria tarde de mais.

O projecto que nos foi dado ver é interessante e contempla a cobertura do fosso dividida em três partes distintas: a parte principal da fonte, constituída pelo fontanário propriamente dito e pelo tanque de lavagem de roupa, terá uma cobertura ampla e aberta a erguer acima do nível do largo; outra cobertura mais pequena, do tipo capelinha de alminhas, será construída ao mesmo nível de modo a cobrir o início das escadas; entre estas duas partes distintas será feito um passeio para peões que ligará um lado ao outro do fosso. Fica assim posta de parte a hipótese de aproveitar algum espaço para estacionamento, como alguns preconizavam, o que vem ao encontro do que sempre defendemos.

Achamos que é um projecto que deve ser aproveitado e sabemos que é essa a intenção do presidente da Junta de Freguesia e da maioria dos moradores dos Braçais. A bola agora está do lado da Câmara Municipal. Venha a obra!

P.S. — Tempo ainda para salvaguardar uma posição pessoal: espero que os materiais utilizados respeitem a arquitectura tradicional e não se recorra ao tipo pré-fabricado de betão à vista e lusalite — aí terão acérrimo opositor. Outro aspecto importante será preservar ao máximo a velha parede de pedra que encima a fonte.

A. M.

PARA COLECIONAR (A5)

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

A filha do Marquês começara na devida altura a ser leccionada por uma professora que o pai mandara vir de muito longe. Roberto, que por vezes assistia às aulas quando os pais o dispensavam de alguns serviços que ele apesar de criança era por vezes encarregado de fazer, pediu à professora que lhe ensinasse também a ler nas suas horas vagas, pedido a que ela acedeu, começando a ensinar ao rapazito as primeiras letras. Com a sua força de vontade em pouco tempo conseguiu obter bons resultados.

A menina, com a morte da mãe, ficara muito só e o melhor do seu tempo passava-o junto de Roberto, ia ter com ele ao trabalho e conversavam como se de dois irmãos se tratasse. Mas Clarinha tinha já quinze anos, era uma adolescente de rara formosura e com o prolongado convívio sentia por ele tão grande amizade que ela, por muito que pensasse, não conseguia encontrar uma razão, pois ingénua como era, vivendo longe das sociedades mais evoluídas, não conhecia as razões do coração. Sofria, sofria perdidamente, sentia que qualquer coisa que desconhecia a prendia a Roberto.

Roberto, por sua vez, amava-a, mas olhando a diferença existente entre os dois resolvera conservar em segredo, dentro do seu peito, esse amor que o consumia, pois temia que se lhe revelasse aquele sentimento ela, o lançasse ao desprezo e deixasse de lhe aparecer como era costume todos os dias e por esse motivo ele andava triste e pensativo, deixara de ter, quando se encontravam, aquele rosto alegre como era costume quando em crianças brincavam os dois no jardim.

Perdera aquela alegria de sempre e quando se encontrava com ela fixava os olhos no chão e só respondia às suas perguntas, sentia-se diminuído junto dela. Roberto sofria para ocultar aquela paixão que lhe abrasava o coração.

Clarinha notava com tristeza aquela mudança de actuação junto dela e pensava para consigo: «Será possível que o Roberto me despreze? Ter-se-á aborrecido de mim?» E nestes pensamentos passava as noites sem dormir e por consequência a sua saúde ficou abalada, acabando por recolher à cama por motivo do seu grande estado de fraqueza. O pai mandou chamar os médicos mais conceituados da região, mas nenhum lhe encontrou sintomas de qualquer doença. Mas como ela continuava a enfraquecer, os moradores do Casal dos Ventos lamentavam a ocorrência e iam perdendo a esperança da sua recuperação.

Roberto fechava-se em casa e de joelhos junto de uma velha Imagem chorava, chorava porque nada podia fazer para a salvar e implorava: «Meu Deus, porque queres tu levar deste mundo a mais linda flor que o Sol jamais iluminou?» E dizendo estas palavras de amargura implorava para que a saúde de Clarinha voltasse novamente, acreditando num milagre. E neste estado de espírito passava as noites sofrendo terrível agonia. De manhã, a sua primeira preocupação era ir junto dela

Voz d'Arega

MANUEL PIRES TEIXEIRA

MADEIRAS

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO



TRANSPORTES DE ALUGUER



RAÇÕES PROALIMENTAR

Tel.: 036 - 644209

AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Adelino da Silva Simões & Filho, Lda.

Comércio de Materiais de Construção



Azulejos

Ferragens

Pavimentos

Fibrocimento

Louça Sanitária

Ferramentas

Lava-Louças

Tubos e acessórios



Ferro

Cimento

Banheiras

Tintas Dyrup

Visite o Nosso Salão de Exposição

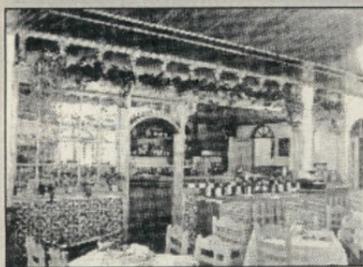
Tel: (036) 636151 Fax: (036) 636238
CABAÇOS - 3250 ALVAIÁZERE

O Manjar do Marquês

UTILIDADE TURÍSTICA



Preços especiais para:
Casamentos, Grupos e
Agências de Viagem



CAFÉ - RESTAURANTE - SNACK-BAR - ADEGA TÍPICA
Tels. 036 - 28194/5 - Fax 036 - 28818 - Estrada Nacional, 1 - 3100 POMBAL

PARA COLECIONAR (A5)

Voz d'AREGA

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

para saber do seu estado de saúde. Um dia encontrou-a só, pois as criadas tinham saído, e Clarinha fixou-o com o seu olhar encantador, sorrindo para ele. Roberto pronunciou uma única palavra, que lhe saiu do coração: «Clarinha!» Nisto ajoelhou-se junto da cama dela, dizendo: «Clarinha da minha alma!» E dos seus olhos brotaram abundantes lágrimas de sofrimento, lágrimas de um coração amargurado, e numa voz trémula e quase imperceptível, sufocado pela angústia que lhe oprimia o coração, foi falando:

— Clarinha, não sei como tenho resistido à dor de te ver doente, não calculas como tenho sentido a falta da tua companhia, o calor da tua amizade, a vida nada conta para mim, amo-te tanto que nem sequer tenho as palavras suficientes para te confessar o amor que te tenho. É um amor que tenho tentado ocultar, sei que não é crime nenhum amar em segredo, senti agora uma grande necessidade de te revelar este sentimento por ti que me abrasa o coração. Sei que não sou digno de ti mas não posso ocultar por mais tempo este sofrimento que me destrói a vida. Não me desprezes por te querer tanto nem pela minha condição de filho de um trabalhador humilde ao serviço de teu pai, se não puder ser teu marido serei teu escravo enquanto assim o quiseres, a minha vida pertence-te, consente que te dedique humildemente este grande amor.

Roberto não conseguiu continuar a sua confissão porque a voz foi sufocada pelos soluços que o acometeram e assim encostou a sua cabeça à cama de Clarinha e não conseguiu dizer mais nada. Clarinha, por sua vez, também se encontrava comovida. Fixou Roberto, que continuava silencioso, reuniu todas as suas forças e disse-lhe:

— Eu sei quanto custa amar em silêncio, sei o que custa calar no coração aquilo que ele precisa dizer. Julguei que te tinhas aborrecido de mim, tens sido tão diferente e eu tinha tanta pena de perder a tua amizade, preciso tanto de ti, tu és bom, és meu amigo e fazes parte da minha vida. Serei tão feliz com a tua amizade que as minhas forças voltarão e ficarei a teu lado para toda a vida.

Neste momento ouviram-se passos no corredor. Eles olharam-se com muito carinho e despediram-se. E nesse sonho de amor passaram alguns dias.

Roberto sempre que tinha alguns momentos de folga ia passá-los junto de Clarinha, que, como por milagre, melhorava dia a dia e algum tempo depois, já restabelecida, voltava à sua vida normal. O rapaz sentia-se feliz, olhava radiante o Sol no infinito, que com os seus raios luminosos enchia de luz os campos e o arvoredo. Os passarinhos cantavam alegremente, o ambiente continuava de sonho, uma brisa suave fazia baloiçar as folhagens dos extensos olivais e lá ao longe, no monte da Ereira, rodava um moinho de velas brancas abertas ao vento no seu labor diário para dar aos pobres o sagrado pão de cada dia.

M Miranda & Miranda, Lda.

ARMAZENISTAS:

Aducos, Rações, Agro-Químicos; Produtos de Limpeza, Plásticos, Papelaria, Miudezas, Electrodomésticos

Tels: 036 - 636262 - 636282 - Fax: 636416 - 3250 CABAÇOS



**OFICINA AUTO
DE**

JOÃO LUÍS ALMEIDA

ESPECIALIZADO EM  E 

BAIRRO DA MIMOSA - RUA 8 DE JUNHO, LOTE 25, 84 - A
2675 ODIVELAS TEL/FAX 01 - 9377801

t i n t a s
dalge
a sua
escolha em
pintura

E-mail: tintasdalge@mail.telepac.pt

Tels: 036-551030 / 551031 (RDIS) Fax: 036-551032 (RDIS)
Parque Industrial, Lote 14 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

OURIVESARIA LOURENÇO

RELÓGIOS, OURO E JÓIAS
CASA ESPECIALIZADA EM ÓPTICA MÉDICATAÇAS,
TROFÉUS E MEDALHAS DESPORTIVAS



Uma tradição de bem servir

Tel. 036 - 552105 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

REGIONALIZAÇÃO

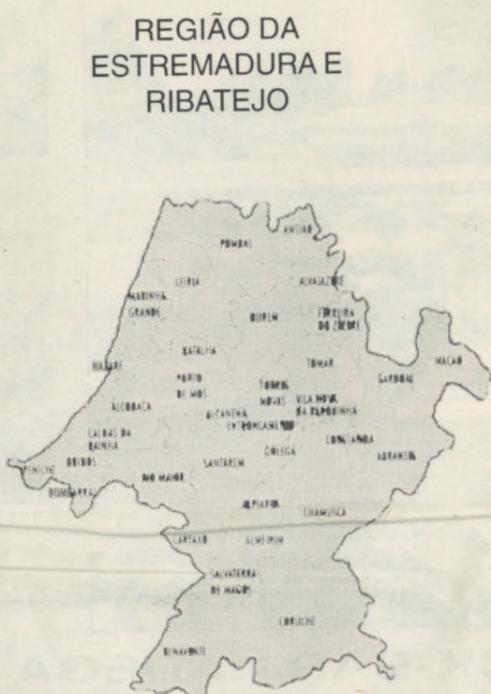
REFERENDO É NO PRÓXIMO DIA 8 DE NOVEMBRO

NÃO DEIXE OS OUTROS ESCOLHEREM POR SI, SEJA RESPONSÁVEL – VOTE!

Muito será dito até à data do referendo da regionalização. Convidamo-lo a estar atento e a tentar informar-se o melhor possível, pois este referendo é de importância capital para o futuro do País. É imperioso portanto votar, e votar em consciência.

Veja entretanto quais as regiões preconizadas para a nossa zona.

Como pode verificar-se pelos mapas publicados, se a regionalização for avante nada será como dantes. Por exemplo Cabaco e Alvaiázere deixarão de pertencer à Beira Litoral e integrarão a região do Ribatejo e Estremadura, assim como Avelar e Pombal, região essa que começa



precisamente em Pombal e vai até Benavente; a Beira Litoral estende-se para norte até Resende terminando a sul exactamente em Figueiró dos Vinhos, e a Beira Interior virá de Figueira de Castelo Rodrigo até Vila de Rei.

REGIÃO DA BEIRA LITORAL

PARA COLECIONAR (A5)

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

Os dias tornaram-se risonhos para os dois namorados. Roberto sonhava o mais lindo sonho da sua vida e Clarinha vivia num enlevo de alma até àquela altura desconhecido por ela. Era o desabrochar de uma flor cuja semente se tinha mantido em repouso no íntimo do seu coração e que acabou abrindo as suas pétalas esplendorosamente. Foi uma ocasião de encantamento e temor, de suavidade e angústia, de promessas e incertezas: foi a hora mais bela da sua vida, o despertar do amor.

OS ESPIÕES

Há gente que nasce para fazer mal, há gente que nasce para odiar, gente que passa a vida a tentar destruir a felicidade do seu semelhante.

Existia entre o pessoal que trabalhava para o Marquês um casal odioso, um casal cujo comportamento era inqualificável na sua malvadez. Ele chamava-se Gregório, ela Bárbara; ele era velhaco e invejoso, ela era pérfida e gananciosa. Não viam com bons olhos que os pais de Roberto fossem muito estimados por todos no meio em que viviam e principalmente pelo Marquês. Bárbara espiava todos os movimentos daquela família com o fito de descobrir qualquer falha no seu comportamento, a fim de diminuir a sua popularidade entre os companheiros e a consideração do próprio Marquês. Este, por seu lado, votava toda a confiança no pai de Roberto, encarregando-o de administrar a parte agrícola das suas propriedades.

Aconteceu que no dia em que Roberto e Clarinha confessaram o seu mútuo amor, Bárbara, escondida num quarto ao lado, escutou toda a conversa entre os dois, dirigindo-se logo que lhe foi possível, numa correria louca, para o local onde o marido se encontrava a trabalhar. Quando lá chegou, de tão cansada que ia não pôde articular palavra. Só dizia: «Eu ouvi tudo! Eu ouvi tudo!» Gregório, que nesse dia trabalhava só, largou o que estava a fazer e veio para junto dela inteirar-se do que tinha para lhe dizer. Então Bárbara, já refeita do cansaço, contou-lhe todo o sucedido. Depois de ouvir o que a mulher tinha para lhe dizer, Gregório exultou:

— Desta vez é que os vamos derrubar, porque eu vou contar tudo ao Marquês e ele vai agradecer-nos a descoberta que acabas de fazer.

Aconteceu que o Marquês nos dias que se seguiram não se encontrava no Casal dos Ventos, pois na véspera tinha partido com destino a Coimbra para tratar de negócios e também para visitar o irmão, residente na cidade do Mondego.

Almiro J. Silva, Lda.
CONSTRUÇÃO - ANDARES - PRÉDIOS
ESCRITÓRIO: AV. 5 DE OUTUBRO, 256 - 3.º. ESQ. - 1600 LISBOA
Telefs. 01-795 29 94 - 793 45 28 - 942 33 77 - Fax: 795 29 96

FUNDADO EM 1952 - RESTAURADO EM 1987
MAIS DE 40 ANOS A SERVIR OS SEUS CLIENTES

Gerência de Evaristo Borges e António Costa
Risauro RESTAURANTE
AVENIDA DE PARIS, 4 - B
TELEFS.: 01 - 848 66 51 / 848 08 38 - 1000 LISBOA